

# Conferências proferidas por Silvia Bleichmar na inauguração da Constructo



Fonte: *Acervo pessoal da autora.*

## Conferência I

Vocês se perguntarão o que leva a mim e a Kenia e a mim a voltar a começar. Se é um desejo de ser jovem ou uma compulsão à repetição. Há 12 anos, conheci Kenia, Eurema, Silvia e Bárbara e armamos SIGMUND FREUD. Hoje, armamos a CONSTRUCTO. Vinha para cá e me lembrei

de uma situação que vivi há alguns anos. Tratava-se de uma reunião de intelectuais onde se discutia os efeitos da queda do socialismo no mundo intelectual, e alguém disse, muito contentemente: “Bom, na verdade, não estou decepcionado, porque nunca acreditei”. Eu lhe disse: “Isso é fantástico! É como ir ao velório da esposa de um amigo e dizer ‘que sorte nunca ter me apaixonado’”.

Quando se acredita em um projeto, pode-se criar outros, pois se pensa que são diversas questões que levam ao fracasso de um projeto, não necessariamente algo da ordem do acaso ou do clima, mas sim por serem seres humanos que fazem os projetos. Como psicanalistas, sabemos como é complexo, para o ser humano, lutar contra a pulsão de morte. A única maneira de fazê-lo é produzindo coisas de vida. Creio que essa é a ideia com a qual começamos, hoje, a armar a CONSTRUCTO.

O que significa uma instituição? Há um autor americano que afirmou: “Há modelos para entender e há modelos para transformar a realidade”. Carlos me disse, um dia, que também há modelos para vender. Acreditamos que uma instituição deve dispor de modelos que sirvam para entender e transformar e que a única razão para constituir uma instituição é gerar um espaço no qual se pode defender certos princípios e não repetir as histórias, não só dos fracassos, mas também da falta de ética da história da Psicanálise.

No próximo ano, a Igreja comemora seu jubileu, e, pela primeira vez, em lugar de demandar perdão, ela irá pedir perdão. Creio que o movimento psicanalítico internacional deve realizar seu próprio jubileu, mas, em vez de pedir perdão, deve repensar a sua posição atual no mundo, diante do campo intelectual e da ciência. Kenia dizia que a obra de Freud é o nosso ponto de partida e que nela estão os fundamentos. Mas o que ainda se sustenta, hoje, da obra freudiana é uma questão que deve ser trabalhada com honestidade e com esforço. Vocês sabem que a história das ideias muda

não quando se produzem novas respostas, mas sim quando se inauguram novas perguntas.

A Psicanálise levantou uma série de perguntas e o problema é que, depois, ficou buscando novas respostas para perguntas já estruturadas. Hoje, a história muda as perguntas; hoje, a realidade impõe mais perguntas. Cabe, então, nos questionarmos de que maneira as respostas de que dispomos e as perguntas que levantamos podem ou não entrar no próximo milênio em comparação às questões levantadas pela história. Posso citar dois ou três exemplos disso, simplesmente para que pensemos. Nos últimos tempos, venho trabalhando a diferença entre as mudanças na subjetividade. Pensei que se deve diferenciar aquilo que é da ordem da produção da subjetividade e aquilo que é da ordem da constituição do psiquismo. São duas questões diferentes. A produção da subjetividade da ordem histórica e política. Produção da subjetividade em Sparta, por exemplo, o modo pelo qual se propunha lá a educação do jovem para a guerra e a aliança masculina. Produção da subjetividade em Cuba: a ideia do homem novo. Modo de produção da subjetividade. Estas são formas por meio das quais a história determina sob que modo se constroem sujeitos capazes de socializar. O que a Psicologia chama de socialização é a forma que o sujeito metaboliza o impacto da produção de subjetividade histórica. No entanto, há, por outro lado, tudo aquilo que está associado à constituição do psiquismo, e a constituição do psiquismo se sobrepõe parcialmente à produção da subjetividade. Por exemplo, há momentos da obra freudiana que são impactantes se pensarmos no momento histórico em que Freud escreve. Por exemplo, *Três Ensaio*s é um texto extraordinário sobre a sexualidade infantil, um texto em que, pela primeira vez, Freud propõe o caráter sexual das atividades primitivas da infância. Creio que isso é da ordem da constituição do psiquismo.

Enquanto os seres humanos dispõem de certos modos de resolver as

necessidades básicas das crianças, as crianças chupam os dedos, têm prazer na relação com as fezes. Transpor isso a outras formas da vida – daí advém o conceito de sexualidade ampliada, que não se reduz somente ao genital – não somente é absolutamente válido hoje, mas é um antecedente importante do estalido que se produziu entre a sexualidade e a procriação ao longo do século. Digamos que, se há algo que poderia antecipar o problema e ajudar a construir respostas, esse algo é a Psicanálise, que, de entrada, colocou com altos e baixos, não coerentemente.

Se temos a oportunidade de criar um projeto de trabalho a longo prazo, podemos ver como Freud vacila em muitos momentos quanto a isso, sobretudo quando, em *Além do princípio do prazer*, propõe a sexualidade como efeito, como pulsão de morte ligada à reprodução. O texto freudiano tem idas e voltas. Mas o que importa é o descobrimento extraordinário de que a sexualidade é um prazer que não serve para nada, exceto para livrar a economia psíquica. A reprodução é outra questão. Freud coloca essa questão a tal ponto que propõe um estágio distinto nesta proposta de base e vai além, atribuindo à sexualidade o lugar que outros atribuíram ao sagrado. Trata-se de algo da ordem da produção humana que não é redutível à autoconservação. Isso sim, sem dúvida, se sustenta, assim como se sustenta o descobrimento das angústias bissexuais nos seres humanos.

É extraordinário porque, se o relermos hoje, veremos que não ocorre a Freud que os homossexuais têm angústia heterossexual, pois ele nunca analisou um homossexual. Ele pensa, então, que angústia homossexual é angústia temida. Isso não remete à constituição do psiquismo, mas sim à produção da subjetividade de sua época. Freud seguiu chamando a masturbação de onanismo (como vocês sabem, o termo “onanismo” tem uma forte conotação moral e religiosa, é o pecado de Onam) e a homossexualidade como sodomia. Verificamos, assim, a impregnação do contexto histórico-político no qual, inevitavelmente, uma obra se produz. O que não seria um

problema se mudassem os termos. Mas isso não é suficiente, pois as novas perguntas nos obrigam a separar os núcleos de verdade que a obra possui daqueles elementos que surgem historicamente.

Se alguém pretende constituir um campo científico, é inevitável que tenha de produzir, nesse campo, algum tipo de desprendimento das condições de produção da época em que se constituiu. Mas deve haver verdades que perdurem para além dessa época. Portanto, um retorno a Freud não é suficiente. É preciso realizar um trabalho sobre a obra freudiana para fazer com que entrem em crise aqueles enunciados que não se sustentam.

Tenho de colocar a vocês uma série de questões a respeito da criança de 2000 e, entre outras coisas, que se há algo que a caracteriza é que ela não tem a mesma curiosidade sexual da criança de outrora. Ela tem excesso de informação sexual. A criança de 2000 não é uma criança que se pergunta o que fazem os pais na cama, mas sim como faz para tapar seus ouvidos e seus olhos frente à invasão da sexualidade do adulto que produz uma genitalização precoce, que a leva a ter um excesso de excitações imetabolizáveis e a estar em atividade permanente, sendo, posteriormente, medicada como hipercinética. Diante disso, temos de rediscutir os descobrimentos principais em relação à questão da criança de 2000, pois nossa clínica os põe em crise. Como já disse muitas vezes, interpretar a cena primária como consequência do engendramento de irmãos é moralismo. As crianças nos fazem sentir ridículos quando respondem: “minha mãe toma pílulas”, “meus pais não podem porque sou adotado”, e assim por diante.

Isso porque, por trás da interpretação da cena primária como engendramento de irmãos, a Psicanálise ocultou durante muitos anos o caráter sexual entre os intercâmbios parentais. O fato de que os pais não têm relações sexuais para conceber crianças, mas sim porque têm vontade. Essa é toda uma questão que se abre diante dos novos modos que surgem na clínica a partir

das novas formas que a sexualidade infantil e adulta assumem. Este ano dei um seminário que se chama a *Sexualidade Infantil de Hans a J. Joan*, que é um jovem americano que fez uma reassignação de sexo. A reassignação ocorre quando há um hermafroditismo físico e deve-se estabelecer a definição do sexo definitivo. Este processo levanta uma série de problemas muito sérios em relação ao hermafroditismo infantil.

Grande parte da problemática da sexualidade infantil é hoje abordada sob a bandeira do gênero. Eu não sei se isso está ocorrendo aqui, se está chegando material sobre isso, mas há, neste momento, uma tentativa de capturar toda a problemática da sexualidade a partir da problemática do gênero. Creio que, psicanaliticamente, isso é absolutamente regressivo. Falar de Psicanálise de meninos e de meninas, o que pode parecer muito avançado politicamente, é uma regressão do ponto de vista psicanalítico. Kenia dizia, e me parece extraordinário, “Psicanálise *do* Infantil”. Em primeiro lugar, temos que diferenciar os elementos que estão em jogo no conceito de infantil. Por exemplo, há tudo aquilo que tem a ver com os momentos de constituição da tópica psíquica, momentos em que se inscrevem os grandes movimentos pulsionais, bem como os destinos dos modos pelos quais se constituirá o psiquismo, o aparelho psíquico.

Há um texto de Castoriadis intitulado *Criação Histórica*, no qual o autor diz o seguinte: o singular do ser humano não é acidente, é essência. Na botânica e na biologia, a singularidade é acidente; no ser humano, ela é essencial, pois cada indivíduo é um exemplar diferente. Temos, aqui, uma nova discussão a respeito do conceito de indivíduo, e não somente conforme colocado por Lacan em relação à cisão, com a afirmação de que o sujeito psíquico não é indiviso, sendo um indivíduo enquanto individualidade de um conjunto, uma produção singular caracterizada por certas leis gerais que o articulam e por conteúdos específicos. Castoriadis também propõe que o infantil, por um lado, é o fato de que a tópica se constitui no marco

de uma história, sendo, então, o infantil absolutamente impossível de ser superado. O infantil é residual, está inscrito para sempre não só no que o sujeito sabe, mas precisamente no que não sabe.

O segundo aspecto ligado ao infantil é a questão do originário, aquilo que dá origem ao sujeito psíquico. Mas esse originário não é passado, na medida em que o inconsciente se caracteriza por ser uma presença permanente daquilo que foi vivenciado e que não necessariamente se converteu em experiência. Quero incluir as duas categorias: de vivência e de experiência. São categorias de Kant que Freud emprega, embora sem dizê-lo, pois, no *Projeto Psicologia*, ele fala de vivência de satisfação e, no capítulo VI, fala de experiência de satisfação. A vivência é da ordem daquilo vivido, do qual o sujeito não se apropriou, enquanto a experiência implica um sujeito capaz de apropriar-se daquilo que viveu, de maneira que o inconsciente é da ordem do vivenciado, do experienciado até que não haja um sujeito que dê um sentido.

O inconsciente é pensamento sem sujeito. Isso é uma subversão absoluta na história do pensamento humano, descoberto pela Psicanálise. A banalização e a vulgarização do inconsciente como outro, outro dentro de mim. Não falo de Lacan e do grande Outro, mas sim de todas essas besteiras – “você crê que o ama, mas, no fundo, o odeia, porque você tem outro dentro de si mesmo que odeia a quem você ama” –, essas coisas que me irritam profundamente e que considero como roubos de pensamento do paciente, porque ele está dizendo aquilo que sente quando o problema não é o que sente, mas sim a desconstrução daquilo que sente para que possa ressitualo de outro modo. Freud nunca descartou o que o sujeito sentia. Ele podia dizer que o sujeito estava sentindo por outra coisa e não pelo que queria.

O inconsciente se caracteriza por ser da ordem de uma realidade material, no qual as primeiras inscrições que dão caráter de representação ao

pensamento são anteriores à existência do sujeito psíquico. Creio que não se mensurou suficientemente a revolução que isso implica na história do pensamento universal. Pela primeira vez, o sujeito não é apenas descentrado da consciência, mas não está em nenhum lugar (quando é tirado da consciência). O sujeito só pode estar na consciência. Seu descentramento não quer dizer que vai estar em outro lugar. O originário que remete ao infantil tem, portanto, uma ancoragem fundamental nessa noção de uma relação de caráter pré-subjetivo anterior à constituição do sujeito, caráter que, ao longo da vida, torna-se pára-subjetivo nos mesmos termos de Laplanche, que propôs que o pré-genital é, na realidade, pára-genital *a posteriori*, uma vez que nunca é reabsorvido na genitalidade adulta. É mentira que o pré-genital se reabsorve. Todos sabemos que a força do autoerotismo não é reabsorvível na genitalidade. Se fosse pré-genital, o autoerotismo desapareceria. Aqueles que entrevistam casais sabem que uma parte do conflito fundamental está centrado nesse tema, na vigência do pré-genital ou pára-genital como atentatório na relação de casais. Por isso insisto que a análise começa onde o vínculo termina. Se tenho um casal na minha frente e a mulher diz que o homem é muito porco porque meteu os dedos no nariz na cama e que isso é uma agressão, é impossível analisar com ele o autoerotismo, pois a missão do tratamento de casais é fazer com que ele deixe de fazer isso, sem entender por que o faz. Então, a análise começa onde o vínculo termina, embora se dê no marco de um vínculo, a transferência, para poder estruturar-se.

Realidade do inconsciente de caráter pára-subjetivo. Por que pára-subjetivo? Porque a subjetividade é da ordem do sujeito psíquico e não de todo psiquismo, e o sujeito é esse lugar onde alguém anuncia que é – eu sou –, utilizando verbos. Me alegro que haja psicopedagogos presentes, porque é precisamente as trocas da fase aos enunciados que marca a presença do sujeito no discurso. Os psicanalistas passaram anos dizendo que “os psicóticos falam ou não falam”. O problema não é se falam, mas se

enunciam. A questão da linguagem não está dada somente pela articulação do processo secundário, fundamental na constituição do pré-consciente, mas pela existência de um sujeito capaz de enunciar, e, enquanto enuncia, o enunciado inclui alguém que está dizendo a partir de uma determinada posição. Isso é subjetividade. O que fica fora é pára-subjetivo. O que a análise faz é precisamente um jogo constante no qual o sujeito toma a si mesmo como objeto, toma suas produções subjetivas des-subjetivizando-as e convertendo-as em materialidade psíquica. Só podemos entender isso se compreendermos como se constitui o aparelho psíquico e o lugar que tem o inconsciente.

O outro ponto que aparece aqui em relação à construção “Psicanálise do Infantil” é a diferença entre infantil e pueril. O pueril – mais vale dizer o puerilizado – é considerado como aquilo que deve ser educado, levado ao desenvolvimento. A confusão entre infantil e pueril concerne à psicanálise de adultos em grande medida. Confundir a presença do inconsciente como insistência do infantil inscrito e originário com a regressão do paciente que crê que a analista é a mamãe e a analista que lhe diz “você crê que sou sua mamãe” – é uma terrível confusão entre o infantil e o pueril. A deposição que se faz nas análises didáticas – e aqui não me refiro só às análises didáticas das instituições, mas também à forma como os analistas depositam em outros analistas o saber sobre a sua própria saúde psíquica – é da ordem da puerilização e não do reconhecimento do infantil, pois o infantil tem uma densidade respeitável, uma densidade filosófica importante, e uma necessidade definitiva em relação à questão da vida e da morte.

Ao relermos *O inquietante*, deparamo-nos com todo o desenvolvimento freudiano dos contos de Hoffman e o problema do animado e do inanimado, e vemos, é claro, que não se trata de um problema infantil. A problemática da infância é a grande problemática da literatura e da filosofia e de todos os problemas da alma. A não-puerilização do infantil não diz respeito apenas

à criança, mas também ao posicionamento infantil e à análise de adultos. Há algum tempo, uma paciente de seis anos começou a falar da morte. Eu lhe disse: “te dá muito medo falar de morte”. Ela, então, me perguntou: “e a você, não”? Eu lhe perguntei se a morte lhe dava medo e ela me perguntou se a morte me dava medo. Supostamente, o que ela me propõe é que éramos simétricas nesse aspecto, que o fato de ela ser criança e eu adulta não era problema. Trata-se de uma questão relativa ao enfrentamento com a morte, à perda e às angústias possíveis. Creio que o medo da morte nos conduz a uma outra questão: a tendência da Psicanálise a colocar a problemática da morte ao lado da angústia como único organizador. Isso está absolutamente correto no que diz respeito aos ataques que o ego pode sofrer por parte da pulsão de morte, por parte do inconsciente. Contudo, no que tange aos modos de representação do fim da vida, que não só se caracterizam pela angústia, mas pela tristeza, isso é absolutamente limitador. Quando estive em Lanzarote, escutei Saramago contar algo extraordinário de seu famoso discurso de Estocolmo. Ele contou que seu avô, antes de morrer, abraçou cada uma das árvores do lugar, se despediu e, depois, disse o seguinte: “que triste, que triste morrer quando a vida é tão bonita e o mundo também”. A ideia de angústia de morte em Psicanálise foi entendida como angústia frente ao final. Perdemos de vista que aquilo que está proposto como angústia de morte começa na primeira infância, pois o ego, uma vez constituído, reconhece a possibilidade de seu desaparecimento e de seu aniquilamento. Isso me leva a outro ponto sobre o qual quero, hoje, levantar questões. Mas o que quero trazer é o entusiasmo que tenho ao criar um espaço para pensar questões que estão absolutamente rotinizadas neste momento a partir da repetição de enunciados. O ponto que quero trazer e que remete à infância e à adultez é o seguinte: há um momento constitutivo privilegiado do funcionamento psíquico que remete à organização do ego. Esse momento privilegiado é o momento em que se estabelece o recalçamento originário e em que o sujeito *sabe que ele é*. Por isso está associado à linguagem, às categorias da linguagem. Eu tenho, neste momento, uma criança de quatro

anos que me desespera porque me diz: “eu vou na tua casa” e está em minha casa ou, então, me diz: “vai na minha casa”, e tudo é o mesmo. Então, nos perguntamos como se constitui aqui o teu e o meu a partir de uma posição de sujeito. Quando isso não se arma, como armá-lo? O que é o ego? O ego é o lugar a partir do qual o sujeito se reconhece como existindo através das modificações e transformações que se estabelecem ao seu redor com os objetos. O ego é a ilusão da permanência. Sempre digo que devemos fazer um *lifting* no dia em que nos olharmos no espelho e pensarmos: “quem será essa senhora que está aí?” Não por uma questão de realidade, mas por uma questão de identidade. O ego é, então, aquilo que toma a seu cargo a preservação da vida enquanto vida humana, representacional, não enquanto vida biológica. Alguém que sabe que está constituído, que existe e que não quer apenas sobreviver, mas quer ser reconhecido mais além da morte. Por isso as crianças não se perguntam como vão morrer, mas sim onde estavam antes de nascer. Esta é a primeira pergunta pela angústia de morte. Não podem pensar que alguma vez não estavam. É muito mais brutal pensar que não estivemos alguma vez do que pensar que algum dia iremos morrer, porque a contingência da vida faz com que alguém, quando morre, siga existindo. Mas se esse alguém não foi engendrado, ele não existe nunca. É por isso que o tema do nascimento é um dos enigmas e das angústias mais importantes do ser humano. Somos efeito de um acaso? Pelo menos até agora. Vamos ver o que ocorrerá no futuro. Estão aí os experimentos genéticos, a eleição do sexo da criança mediante acoplamento centrífugo, assim como se faz com as vacas – centrifugar espermatozoides e buscar os adequados para implantá-los. Isso está ocorrendo agora, não é ficção. Está ocorrendo neste momento. E temos de nos perguntar como vai ser no futuro.

O ego se caracteriza pelo seguinte: toma a seu cargo a autoconservação, quer dizer, toma a seu cargo a preservação da vida (o ego de adulto), mas também a autopreservação, não só a autoconservação! E creio que é preciso

diferenciar esses dois elementos. A autoconservação quer dizer que o ego toma a seu cargo a contiguidade da existência biológica – tomar água e comer não somente por prazer, mas precisamente para cuidar-se, para manter-se com vida. Embora a autopreservação narcisística, nos felizes momentos em que tudo é harmônico, coexista com a autoconservação, há momentos em que as duas entram em contradição. As experiências-limite marcam precisamente isso. O que escolho: viver e deixar de ser quem sou ou morrer para seguir sendo quem sou? Nas experiências-limite, marca-se claramente essa diferença entre autopreservação e autoconservação do ego. Se levamos em consideração as experiências de sobreviventes de terrorismo de Estados, nos campos de concentração, o sujeito se pergunta em certo momento se salva sua vida, se salva quem é ou se salva a existência, a representação de si mesmo. E não me refiro, aqui, à representação no sentido banal, narcisístico. Seguir sendo quem se é ou quem se escolher viver com o preço de deixar de ser. Mais ainda quando a pergunta nem sequer pode ser formulada. O sujeito sobrevive e depois se suicida, quando pode escolher. Ou psicotiza. Assim, vemos muito claramente que há dois tipos de representação em jogo.

Nas crianças, na infância, na medida em que a autoconservação é tomada a cargo pelo outro e a vida depende do outro, a autopreservação antecede a autoconservação. Isso é uma coisa extraordinária. Por exemplo, a criança poderia chegar a dizer uma frase como esta: “Não, se eu morro, meu papai me mata...”, ou, então, pode arriscar a sua vida para não chegar tarde na escola. A autopreservação narcisica na criança é anterior à autoconservação. A autoconservação é algo tardio na infância. Contudo, esses modos que vimos aparecer na infância e que Kenia designou como *autoinfantis* se referem à forma como surge o conflito entre autopreservação e autoconservação na vida adulta. A não-discriminação desses dois aspectos leva a Psicanálise a confundir a pulsão de morte com algo da ordem do aniquilamento biológico ou o desejo de preservação narcisista com algo da ordem da

pulsão de morte, elemento que precisamos ir retrabalhando e pondo em marcha nos próximos tempos.

Quando me referi, antes, ao psicanalítico e à relação com o inconsciente, referia-me ao inconsciente como algo da ordem do pára-subjetivo, não redutível à subjetividade. Embora o ego possa se apropriar de algum dos conteúdos, nunca poderá se apropriar totalmente, pois é uma realidade de outra ordem que se sustenta e é efeito do infantil ou da presença do infantil. O que caracteriza essa realidade pára-subjetiva é que o método não pode capturá-la em sua totalidade. Este é um dos grandes problemas com que se depara a técnica analítica, porque coexistem, no inconsciente, diferentes tipos de representações: representações que podem ser retomadas e que possibilitam a formação de sintomas, representações que não podem ser retomadas por nunca terem sido transcritas e sobre as quais deve se produzir algum tipo de simbolização, representações que figuram sob modos compulsivos por nunca terem sido fixadas no inconsciente, fazendo com que o sujeito fique fixado, de algum modo, ao exercício da busca dessa representação. Essas formas, que vão marcando problemas sérios na técnica de trabalho com adultos, têm sua expressão privilegiada na análise com crianças.

Falando de Hans, Freud afirma que seu pai teve, em muitos momentos, de emprestar-lhe representações, mas afirma que isso não é muito diferente do que fazemos em toda análise, na qual há um momento em que o sujeito não tem representação com a qual se expressar e cabe a nós, então, fazê-lo. Dá a impressão de que se está dizendo algo que, na minha opinião, vai muito além do que foi dito até agora. Ele está propondo que a interpretação é sempre um agregado simbolizante, e não é simplesmente o colocar em palavras de um conteúdo inconsciente. Ao propor isso, ele afirma que há uma relação muito estreita, muito intensa, entre os modos como a técnica ou o método se veem submetidos a impasses no trabalho com adultos e

a forma como isso se expressa de modo paradigmático na análise com crianças.

Há alguns anos, nas associações psicanalíticas tradicionais, era preciso passar por uma etapa de formação em Psicanálise de crianças e assumir um ou dois casos e supervisioná-los. Isso praticamente desapareceu da maioria das associações psicanalíticas, pois o infantil foi reduzido ao plano da técnica como um problema diferencial. Assim, perde-se de vista o caráter histórico do inconsciente e da constituição do psiquismo como residual da sexualidade infantil. Não é um problema de opções técnicas, mas sim de compreensão do inconsciente como residual histórico.

Retomei três aspectos centrais que julgo como problemas gerais que devem ser rediscutidos em Psicanálise e que uma instituição que se propõe a trabalhar sobre o infantil deve tomar como eixo. Por um lado, aquilo que leva realmente ao inconsciente, a rediscussão sobre a estrutura, as características e as origens do inconsciente. E não somente porque é uma instituição que se dedica ao infantil, mas porque os graves problemas do empobrecimento da Psicanálise têm a ver com o fato de que se segue avançando sem discutir o valor dos pressupostos básicos a partir dos quais se trabalha. Os paradigmas estão deixando de ser paradigmas para se tornarem pressupostos básicos, nos termos de Bion, modos de conceber as alianças e exclusões dos grupos. Logo, acredito que a questão do inconsciente deve ser não apenas ensinada, mas também debatida centralmente em suas características, em seu estatuto e em seus modos de operar.

O segundo aspecto que, creio, deve ser discutido é o que leva à sexualidade infantil. Refiro-me ao seguinte: hoje é impossível seguir sustentando o conceito de Complexo de Édipo em termos da novela de amor pela mãe e ódio pelo pai e vice-versa. É absolutamente insustentável colocá-lo nesses termos. Corremos o risco de ficar ligados a setores religiosos mais arcaicos

e de que as nossas teorias sejam aplicáveis para a gente “de bem” – que já são poucos, por sorte. Creio que a discussão sobre sexualidade infantil abarca uma série de questões. Por um lado, está em jogo todo o problema da relação entre gênero, sexo e sexualidade e toda a questão da identidade e da construção da identidade sexual nos tempos atuais. Uma das coisas mais impressionantes é a forma como os psicanalistas situam o pênis em um lugar especial no que concerne aos novos modos da sexualidade. Por isso, temos de discutir o que se sustenta e o que não se sustenta, pois não nos cabe dizer às pessoas como deve ser a sua relação sexual. Nossa função é compreender o que ocorre com os modos pelos quais os seres humanos resolvem suas paixões. A Freud não cabia dizer ao pai de Dora que, enquanto ele andasse com a senhora K., sua filha seria histérica. Seu papel seria entender o que se passava com Dora no que diz respeito à relação de seu pai com a senhora K. e à relação dela própria com a sexualidade do pai.

De maneira que voltamos à questão do que constitui, para nós, a sexualidade infantil e de como compreendemos a sexualidade adulta. Onde devemos situar a categoria da perversão e como podemos redefini-la são problemas centrais da infância e da análise de adultos. Freud disse, nos *Três Ensaios*, que a felação estava entre as perversões, por exemplo, ou que, nos tempos da sexualidade feminina, há mulheres que têm a estranha ideia de mamar no pênis do homem como uma fantasia, mas que não devemos nos horrorizar diante disso, pois é efeito da passagem do seio da mãe ao pênis do homem. Creio, então, que temos de redefinir os termos pelos quais caracterizamos a perversão. Mais ainda, temos de reconsiderar o modo como Freud propôs a perversão, associada às transgressões de zona. Devemos redefinir o que chamamos de perversão, incluindo a questão da homossexualidade, que, há anos já proponho, não é perversão. Freud afirmava que não era perversão. Na análise de crianças, somos constantemente confrontados por esses problemas. Amanhã, abordarei algumas situações clínicas que julgo muito importantes. Creio que não são muito diferentes das que havia há

vinte anos, mas os analistas se faziam de bobos ou não se davam conta de que isso estava ocorrendo. Acreditavam que o que levava um menino a se vestir de menina era um problema de polimorfismo perverso, porque ainda não havia se definido, ou que um menino de dez anos que atentava sexualmente contra um outro de quatro anos estava propondo, a este, um jogo sexual infantil. É preciso diferenciar, nos próximos tempos, práticas sexuais infantis e jogos infantis. São duas coisas totalmente diferentes.

O último ponto que quero colocar é o seguinte: se a Psicanálise tem uma dívida para o ano do jubileu, essa dívida está relacionada ao seu endogenismo. A crença de que a sexualidade infantil projetada sobre o adulto é efeito de um endogenismo, no qual a histérica abusada ou a criança abusada são fantasiosos, e a não-diferenciação entre os efeitos das ações humanas, metabolicamente inscritos, e a fantasia são aspectos que temos de redefinir hoje, do ponto de vista de nossa teoria. E aí estão todos os elementos para propô-los. A Psicanálise pode dar conta do seguinte: não se trata de ver os efeitos exteriores no psiquismo como tais e tampouco de pensar que aquilo que ocorre aos seres humanos se deve ao fato de que são engendrados pelo sol. Vou terminar com um breve exemplo. Supervisionei o caso de um menino, no norte da Argentina, que chegou ao consultório porque teria tendências a estabelecer situações de assédio sexual com companheiros de colégio. Quando chega na consulta, a pedido da professora e da mãe, descobre-se que ele foi abusado pelo pai. Então, a pessoa que o recebe lhe diz que estamos aqui para falar do que teu papai fez. Eu disse: não, não estamos aqui para falar do que o papai fez, mas sim do que ele faz com outros meninos e se isso é efeito do que seu papai fez. Essa é a teoria que explicaria por que, metabolicamente ou não, ele faz isso com outros seres humanos. Contudo, o que a Psicanálise explora é a forma como o psiquismo recebe os traumatismos, os metaboliza e os põe em marcha. Se nós vemos o menino do carretel que o atira na cabeça da mãe, nós não

Ihe dizemos que está aqui para ver por que teu papai se foi e que, por isso, brincas com um carretel.

Creio que temos uma obrigação teórica e moral de construir uma teoria que leve em conta a ideia de um aparelho aberto que metaboliza e retransforma as relações com um outro humano em constelações desejantes a partir da fixação pulsional e da compulsão.

Acredito que já falei muito. Amanhã gostaria de continuar trabalhando estas questões: inconsciente, sexualidade infantil e simbolizações. Neste momento, podemos trocar um pouco, levantar questões, perguntas, caso queiram.

**Pergunta:** Não creio que estivesses falando da criança do ano 2000 porque, se te entendi bem, a criança do 1000, 2000, 3000 vai ser sempre a mesma salvo aquelas mudanças que a cultura, o histórico e o político produzem na subjetividade. Tampouco penso que estejas falando da psicanálise do 2000 que está aí, porque, segundo penso, por definição, a Psicanálise, desde os primórdios, desde as origens, sempre foi criativa e deveria ser assim sempre, constantemente. Então, parece-me que estavas falando do que deveriam ser ou do que esperas que sejam os psicanalistas do 2000. A pergunta que vou te fazer tem a ver com a Constructo que hoje começa. Há dez anos, dizias, também, inauguravam uma nova instituição. Como deveria ser a instituição psicanalítica do 2000 para ti, para não repetir os erros e para que realmente seja diferente de todas as outras instituições que seguem sendo, mais além das minutas de Viena, que não se repetiram?

**Resposta:** A esta altura se repetiu algo: todas têm o mesmo número das minutas de Viena, não passam de quinze (risos). Parece-me muito bem colocado. Primeiro, acredito que existem coisas novas – por exemplo, a explosão da contiguidade biológica. Acredito que isso é novo em relação à

criança anterior. Acredito que há, também, novas formas de acoplamento. Contiguidade biológica, o fato de que as formas de reprodução tradicionais podem variar. Há, inclusive, a possibilidade de aparecer a clonagem de eleger o sexo e até mesmo de filhos de homossexuais. E já nem sequer com impedimento biológico. Trata-se de algo que produziu uma enorme transformação.

Quando leio Freud, algo que me impressiona é a transformação da fantasia do paciente em corroboração do enunciado teórico. Por exemplo, Freud disse: “as mulheres se sentem castradas e invejam a presença do pênis no homem, e isso é assim porque eu o comprovei clinicamente”. Sim, o problema é que os enunciados, o modo de corroboração da psicanálise não é dos conteúdos, mas sim do método, pois este lhe confere a corroboração de um universo possível, não de toda a humanidade. Outro dia, uma paciente de sete anos, extraordinariamente inteligente, disse algo sobre os meninos e as meninas e eu lhe disse: “E tu gostarias de ter tico?” Ela respondeu: “Para quê? Por acaso o fulano gostaria de ter vagina como eu?” Então, disse: “Sabes o que eu gostaria de ter? Bolas” Para quê? “Viste como eles gostam de coçá-las, que lindo deve ser!” Então, eu não poderia, agora, dizer: contrariamente ao que Freud pensou (e é o que fazem alguns psicanalistas), as mulheres nunca invejaram o pênis, mas sim as bolas. É ridículo, mas esse é um problema de método de construção de teoria, que é transformação das fantasias singulares em patrimônio universal da teoria. Isso é um problema.

Agora, o que penso que se manteria. O meu problema é justamente como recuperar os enunciados de verdade. A Psicanálise vai ocupar o mesmo lugar que ocupa a alquimia, hoje, em relação à química? O que eu penso que pode acontecer, por exemplo, o que não varia, é o fato de que os seres humanos têm filhos, como digo, brincando, para não morrer de amor-próprio. Não existe nenhuma razão para ter filhos, uma vez que se rompeu a

relação engendramento-sexualidade. A única razão para ter filhos é o desejo de tê-los, o que chamo de caráter de ofelividade das crianças, que, vale dizer, têm um valor de desejabilidade para quem quer tê-las, associado ao narcisismo transvazante, à angústia de transcendência nos seres humanos e à morte. Não há nenhuma outra razão para ter filhos. Isso se mantém. Mantém-se, também, a assimetria entre o adulto e a criança. Mantém-se o fato de que a cria humana é lançada prematuramente a uma vida sexual. Mas ter filhos para nada, só por tê-los, por amor e não por razões, digamos, autoconservativas, mas sim por razões que têm a ver com o amor ou com o prazer, produz algo que é transladável.

Mantém-se os enigmas da diferença, sem que isso necessariamente corrobore a teoria infantil de um só sexo. Creio que hoje não é assim. Acho que hoje cada uma das crianças pensa que o seu sexo é o único até descobrir o outro. Não é que a menina que não tinha nada um dia descobre que o menino tem um pênis e, então, tem uma teoria sobre o pênis. Na medida em que existe, hoje, um nome para o que têm as meninas, as meninas sabem que têm algo diferente do que têm os meninos, o desejo de ter um pênis persiste muito menos que antigamente. Não dura muito nas crianças, nas meninas, o desejo de ter um pênis. Com isso, quero dizer que o enigma da diferença anatômica segue colocando que ambos os sexos sentem nostalgia em relação ao que o outro sexo tem. Assim, eu diria que sobrevive a incompletude e a inveja, mas não os conteúdos.

Há coisas nas crianças do ano 2000 que mudaram em relação à criança da época freudiana. Por exemplo, a relação com a sexualidade genital não como sexualidade enigmática, mas como sexualidade que produz excitação e inacabamento. O que a psicanálise não viu claramente é que a masturbação infantil não é orgásmica. Que a excitação produzida em uma criança está limitada o que tange à possibilidade de resolução, e que isso é uma situação

de conflito terrível entre as crianças e os adultos. Enfim, há mil coisas para falar sobre isso.

Devemos nos questionar a respeito de uma instituição. É um tema que quero trabalhar amanhã, mas respondo brevemente. Creio que o que pode dar uma qualidade nova a uma instituição é saber que as novas perguntas devem ser formuladas e que não é suficiente ler democraticamente os autores; deve haver um pensamento crítico para lê-los. Porque, em cada um dos autores, estão expressas as respostas às perguntas mal formuladas desde o começo. Em outros casos, há uma enorme quantidade de conhecimento acumulado que vai transcender.

Creio que uma instituição deve propor um processo de reflexão crítica entre seus membros e deve tomar partido por linhas teóricas. Acredito que não se deve puerilizar aqueles que vêm aprender, porque já são adultos, mas tampouco simetrizar, com a ideia de que todos sabemos. É precisamente a questão do respeito ao outro; ensinar-lhe banalidades que todo mundo sabe é tão depreciativo quanto propor-lhe que resolva questões que não pode resolver. Por exemplo, acredito que é patético que psicanalistas ensinem o Complexo de Édipo em seus cursos, porque a televisão, a literatura, os jornais falam disso e nós parecemos idiotas explicando o que é. Creio que Hornstein tem razão quando diz que aquilo que, em uma geração, é tecnologia de ponta, na outra é sentido comum. Então, é horrível escutar os psicanalistas repetirem coisas em tom solene. Quando dizem: “E, então, quando o menino descobre que a mãe não tem pênis...”. Não se pode crer que o digam assim, não sei se se dão conta de que isso é patético.

Assim, uma instituição deve, primeiramente, esclarecer o que as pessoas já sabem para ajudá-las a pensar criticamente sobre isso e fazer com que elas avancem sobre o que não sabem. Essa é a primeira obrigação de uma instituição, pois a segunda é efeito do poder dos medíocres. Quando os

mediócras desejam ter poder, eles repetem coisas que todos sabem com tom de sábios. E assim estão se empobrecendo as instituições psicanalíticas e perdendo os melhores jovens. Os jovens mais inteligentes não toleram mais tanta besteira nem tanto moralismo nem tantas repetições de coisas já sabidas.

Eu digo que, na Psicanálise, está ocorrendo o que se passou na Argentina – não sei se aqui também – às grandes extensões de latifúndios que, ao não serem trabalhadas, se encheram de animais que as destroem por dentro. Creio que, em uma instituição, é preciso colocar, hoje, a questão ética, voltar a construir transferência sobre a psicanálise e não se contentar com as migalhas que sobraram do banquete. Estão vivendo das migalhas que sobraram em lugar de começar a construir uma proposta que permita que as pessoas voltem a acreditar que existe uma dose de saber, e não somente um ofício que leva a ter três pacientes e, com isso, ganhar a vida. É para isso que vão vender perfume da Avon ou da “Tuppers”.

Acredito que uma instituição, se quer realmente produzir algo para o futuro, tem de começar a construir, a armar, com absoluta honestidade, um método diferente de transmissão da Psicanálise. Essa é a minha opinião. Não somente ensinar o que se sabe, mas também marcar os limites e as contradições do que se sabe, produzindo condições para que as pessoas aprendam a pensar. Outra coisa que está acontecendo com a Psicanálise: vocês sabem que os conhecimentos estão mudando a cada cinco anos, e se espera que mudem a cada três anos. Um dos problemas mais graves nas escolas é que elas têm de ensinar tudo porque não sabem o que devem ensinar, e as crianças estão ficando loucas. Na Argentina, agora existem escolas trilíngues. É ridículo. Espanhol, inglês e português, pelo Mercosul. Todas as crianças que atendo falam português de vir aqui, como os daqui falam espanhol de ir à Argentina. As crianças, em quinze dias, aprendem um idioma.

As instituições psicanalíticas se converteram em supermercados com gôndolas: uma ensina Winnicott, outra ensina Klein, cada uma coloca o seu quiosque. Uma vende duas balas, outra três chicletes, e com isso sobrevivem. Basta de fazer ridículo e miséria. Acho que se produziu um empobrecimento científico e econômico grave e temos de repensar seriamente ao construir uma instituição. Por isso estou aqui. Como eu sou de fora, posso dizer a que me oponho. Oponho-me absolutamente à concentração didática de poder, mas creio que, sem dúvida, as pessoas têm de se analisar e devem se expressar através da supervisão. Acredito que a supervisão deve, sim, ser regulada pela instituição – ou seja, vista, de alguma maneira, em seu movimento. Deve haver uma quantidade de analistas respeitáveis para a instituição que possam supervisionar e que possam dar conta, junto ao seu supervisionado, ante um comitê de pares, que diabos fizeram com seus pacientes. É preciso acabar com a perversão do “tête-à-tête” supervisionante. Uma coisa é a supervisão de alguém que quer aprender e elege alguém, e outra é a supervisão institucional que tem um engano terrível. Como são membros da instituição, pensam que isso lhes dá a garantia de supervisionar. É mentira, as instituições psicanalíticas estão inevitavelmente cheias de loucos, porque têm um trabalho muito complicado. As pessoas se cansam, se deterioram. E há pessoas que não acreditam em reanálise.

Então, temos de buscar modos de construção. Eu sou convidada, suponho, também para assessorar sobre essas coisas. Não para dizer o que tem que fazer, mas para pensar com vocês e propor, além disso, a incorporação de algumas pessoas que colaborem com todos nós, por sua formação, por sua idoneidade, para criar condições de produção de pensamento. É este o desafio: encontrar formas novas que não sejam demagógicas, que preservem os modos de análise, mas que, ao mesmo tempo, não estejam a serviço da corrupção ou do poder. Agora, de que poder? Do micropoder dos “homeless” que, a esta altura, são os psicanalistas, efeito de um

empobrecimento terrível, empobrecimento intelectual de toda uma classe. Isso é o que penso que devemos fazer se queremos algo sério, que nos permita o respeito a nós mesmos. E que, a partir do nosso autorespeito, sintamo-nos valorizados, oferecendo nosso entusiasmo pela tarefa. Parece-me que são duas vias: por um lado, o pensamento crítico que entusiasma porque se pensa e se aprende e, por outro lado, a dignidade de não trair as coisas em que acreditamos. Digo-lhes uma coisa: acho que Deus premia, vão melhor as pessoas que fazem essas coisas. Neste mundo, estão triunfando duas classes de pessoas: os psicopatas ou os trabalhadores, os muito aptos ou os muito preguiçosos. E, entre nós, não existem preguiçosos, mas sim aprendizes de preguiçosos.

**Pergunta:** (não deu para escutar)

**Resposta:** Eu não creio que a homossexualidade seja uma estrutura. Vocês podem encontrar homossexuais perversos, psicóticos, neuróticos, enfim... aliás, uma coisa extraordinária que ocorre nas reuniões de analistas é que todos falamos como se não existissem homossexuais no público. E não é assim. No meu seminário do Hospital em Buenos Aires, sei que há vários e deve haver muito mais do que sei. Tenho escutado colegas falarem da homossexualidade como se não houvesse homossexuais no público. Claro, pode-se dizer que falamos sempre das histéricas como se não houvesse histéricas no público. Mas não é a mesma coisa, ninguém é discriminado por ser histérica.

Então, o que penso sobre a homossexualidade? Em primeiro lugar, penso que é um modo de eleição da vida amorosa. Em segundo lugar, penso que não pode ser considerado perversão como entidade, mas sim como um modo, um roteiro da vida amorosa, em que alguém elege estabelecer sua vida genital e sua complementariedade no mundo com alguém do mesmo sexo. Isso não quer dizer que seja seu idêntico. Crer que a identidade entre

seres humanos se produz porque os dois têm pênis é uma falácia. Não, não é assim, a alteridade do outro sempre é problemática e está determinada de múltiplas maneiras.

Eu jamais analisaria um homossexual para que deixe de ser homossexual, como jamais analisaria um heterossexual para que deixe de ser heterossexual. Salvo algo que me ocorreu há pouco com um jovem que veio de um traumatismo muito sério. Morrerá uma amiga íntima em um acidente. Os pais me procuram e me pedem que o veja. Ele me conta que a menina era lésbica. Vejam que complicado, falando da criança de 2000. Ele a conheceu num “site” de lésbicas, vinha com um anel na mão direita, que é bastante clássico no mundo gay. Então, eu lhe perguntei diretamente se ele era gay. Ele ficou meio assim e me disse: “Não sei, a verdade é que não sei”. Então, eu lhe disse: “Bom, é uma boa situação para pensares, vamos trabalhar”. Depois de poucas entrevistas, apareceu o seguinte... era muito comovente essa relação dele com essa jovem. Houve momentos comoventes, como quando ele lhe disse que queria ser mulher para que ela o amasse, e ela lhe disse: “Como me dói não gostar dos homens para poder viver contigo”. Vocês se dão conta da complexidade do que estamos falando? Bom, cada vez vai ficando mais claro nas entrevistas que ele tem uma grave fobia das mulheres e não uma atração pelos homens, e que essa jovem lésbica lhe permitia se aproximar sem temor porque podia não ser desejado sexualmente. Ele deve ter tido uma má experiência sexual com prostitutas, e tinha uma série de razões familiares para ter angústia ante o corpo feminino. Rapidamente se definiu como heterossexual, e não tinha uma atração importante pelos homens.

Eu tenho um paciente homossexual e nós dois rimos porque ele está com uma forte angústia heterossexual de transferência. É muito engraçado. Ele me disse que está mais apaixonado por mim do que eu suponho, embora o tema de nossas conversas seja o seu companheiro. Ele é homossexual

e não vai ser heterossexual. Além disso, há um problema: uma vez que a sexualidade é atuada no homem, ela fica muito fixada à forma do gozo. O fantasma produz algo que o fixa. Eu acabo de trabalhar, no meu seminário no Hospital de Crianças, um caso que saiu em uma revista com entrevistas de um travesti, Martin-Marta, que inicia com um transtorno de gênero e, depois, é seduzido por um vizinho, termina sendo homossexual e decide, então, ser travesti. Muito complexo.

Bom, como se define a perversão? Pelo uso das zonas? Pela eleição do objeto amoroso? Penso, nos últimos tempos, que a perversão deve ser definida em termos de des-subjetivização do objeto, fixidez da cena, des-subjetivização do *partner*. O que caracteriza a perversão é o fato de que o *partner* se converte em objeto não humano, em lugar de gozo do perverso. Na medida em que o outro é o lugar de gozo do perverso, sua subjetividade não é contemplada. Isso não quer dizer que não possa haver uma relação entre dois perversos, para os quais o outro é sempre meio e nunca fim, o que é uma outra questão. Creio que Melanie Klein teve a extraordinária ideia de que a genitalidade poderia não ser genital, mas sim parcial. Parece que temos de redefinir a categoria da perversão em termos de subjetivização ou des-subjetivização do outro.

**Pergunta:** (não se escuta)

**Resposta:** Esse é todo um tema. Primeiro, temos de definir a questão da castração em Psicanálise como uma teoria sexual infantil ordenadora. Estou dizendo algo “grosso”. Estou dizendo que não considero que toda a patologia psíquica se ordena em torno do problema da castração. Salvo se considerarmos a castração nos termos definidos por Lacan – ou seja, como algo da ordem da incompletude ontológica e não do cerceamento ao pênis, o que é muito diferente. Acredito que podemos trabalhar longamente o tema da perversão em relação à castração. Vocês sabem que

ambas as teorias freudianas são insuficientes, até porque Freud falou só de um tipo, o fetichismo, e não de outros modos. Por exemplo, teríamos de pensar de que maneira o sadomasoquismo ingressa nisso e se há algo que está relacionado com a castração ou é anterior à castração ou associado ao poder. São temas aos quais tenho dedicado praticamente todo o ano no meu seminário e, inclusive, tenho revisado muito tudo aquilo que diz respeito à forma do sadomasoquismo consensual, como se chama agora. Sabem a diferença? Existem muitos estudos sobre o tema. Esse é outro problema – os psicanalistas não estão trabalhando sobre a quantidade de material que já foram produzidos e, além disso, sobre a quantidade de material que estão chegando nos consultórios. As pessoas não falam se não existe um analista que possa escutá-las. Isso é muito impactante. Acabo de ter uma entrevista com uma jovem que esteve dois anos em uma análise na qual nunca falou de seus aspectos sadomasoquistas.

Um paciente homossexual meu... sabem o que lhe disse seu analista? Ele, jovem psiquiatra, se analisou por anos com um analista da Associação que lhe disse que pedisse seu ingresso à APA, mas não contasse que era homossexual. É como dizer para alguém que não conte que é judeu. Por que ele precisa ir a uma instituição que vai vetá-lo? No entanto, ele tem muitos amigos na APA que são homossexuais e que ocultam o fato. No último congresso da IPA, houve um encontro de analistas gays. A questão é que, a partir disso, esse jovem resolveu ser sistêmico, depois cognitivo. Depois de um tempo, ele me conta esse episódio de seu ex-analista. É extraordinário. O que seu analista estava lhe dizendo é que ele não aceitava a homossexualidade, propondo-lhe, então, que a ocultasse. Era essa a mensagem que estava transmitindo. Logo, grande parte da melancolia que tinha se devia ao fato de ser homofóbico e não saber (tinha horror à homossexualidade). Vinha de uma análise na qual nunca foi trabalhada sua homofobia, porque seu analista também era homofóbico, com as

consequências que tudo isso tinha para sua vida sexual. Então, não acho que o meu paciente seja um perverso, não porque eu gosto dele, mas sim porque não vejo nele coisas de perversão, não vejo um superego que não esteja estruturado, não vejo transgressões severas em sua vida sexual. E é impressionante porque ele só agora pôde começar a abrir aspectos de sua vida sexual. No entanto, neste momento, aparece a questão não da castração, mas sim do horror ao pênis disforme de outras pessoas. Ele tem menos horror da mulher do que do homem que tem um pênis disforme.

Carlos teve muitos pacientes gays, casos de perversão e de não-perversão. Na homossexualidade feminina, também atendi casos de perversão e de não-perversão. Também vi mulheres lésbicas com um superego de uma rigidez inacreditável em comparação ao “superego feminino”, digamos, entre aspas. Esse tema é muito complexo e temos de redefinir a perversão. O que eu gostaria de salientar é que a perversão pode ser detectada desde a infância. É preciso tomar muito cuidado para diferenciar o polimorfismo perverso infantil da perversão, pois a perversão é sempre da ordem do genital parcial ou da persistência das pulsões autoeróticas, são modos nos quais persiste algo que não pode ser ligado pelo amoroso. Não podemos confundir o fato de que, na infância, já aparecem perversões, assim como, na infância, aparecem transtornos severos de gênero.

**Pergunta:** (Não se escuta)

**Resposta:** Exatamente. Não é a mesma coisa brincar de médico e obrigar uma criança quatro anos mais nova a abaixar as calças.

**Pergunta:** A questão do menino que foi abusado. Como se metaboliza isso? A questão do abuso é da ordem da intromissão e metabolizar é da ordem da implantação.

**Resposta:** Bom, como se tramita? Não sei se vocês assistiram “Celebração”, filme do grupo holandês Dogman, que está muito na moda neste momento. Bom, nesse filme, é o dia do aniversário de um pai que completa sessenta anos, um patriarca holandês muito rico, e, nesse dia, o filho o interpela por ter sido abusado por ele, assim como sua irmã. O que mais me impactou... porque acho que a tramitação consiste em ganhar a batalha, no interior da família, pela aceitação de que se foi abusado. Aparece algo aí que nós, psicanalistas, estamos discutindo faz anos: sempre se falou de quem proíbe o incesto na mulher. Porque, como sempre, o Édipo foi pensado do lado da relação do filho com a mãe. Aí aparece, de modo muito claro, que é o pai que proíbe. A questão é: quem proíbe na mulher? Se modificarmos a definição do Édipo, pensando que o Édipo é precisamente o limite que a cultura impõe à apropriação do corpo da criança, como corpo de gozo por parte do adulto. Repito, Édipo é o limite, o “acostamento” que a cultura faz da apropriação do corpo da criança como lugar de gozo do adulto. Deve-se redefinir o Édipo nesses termos, porque, em última instância, o desejo pelo pai e pela mãe vem invertido aí, mas é efeito de uma proibição primeira, a proibição, ao adulto, de não apropriar-se, com poder e genitalidade, do corpo da criança. Claro, isso se coloca de modo extraordinário no filme, pois o que incomoda o filho é que, um dia, a mãe entrou, viu o pai exercendo o abuso, deu meia-volta e se foi. Toda a problemática gira em torno do motivo pelo qual sua mãe não impediu o abuso, o que rompe com a ideia de que, aqui, o problema é a proibição do pai. A proibição do pai é uma metáfora sobre uma lei que se exerce através da necessidade de um terceiro que impeça a apropriação de um adulto sobre o corpo da criança. Contudo, dizer que essa lei é da ordem do pai é confundi-la com a autoridade paterna, trasladando do remanescente da sociedade patriarcal para a subjetividade futura e, assim, criando uma ligação entre subjetividade e constituição psíquica. E aí vêm as feministas e a esquerda e dizem que a Psicanálise é reacionária. Devemos dar à proibição o seu lugar. O adequado é que o adulto tenha, dentro de si, essa proibição, e o terceiro está dentro dele.

São temas muito importantes para trabalhar, relacionados aos modos como aparecem, hoje, as formas de representações da sexualidade na criança, muito diferentes das formas de alguns anos atrás. São mais por excesso do que por curiosidade.

**Pergunta:** Não te parece que, para manter a perversão como uma terceira estrutura, falta uma certa sustentação?

**Resposta:** O problema é o seguinte: a desmentida ou a renegação é solidária à perversão. Amanhã, discutirei um caso muito interessante de uma criança que supervisionei, no qual aparece constituindo-se um fetichismo, infantil, e no qual o mecanismo da mãe é a desmentida. O problema é se conservamos as três estruturas ou se começamos a falar de correntes dominantes da vida psíquica.

**Pergunta:** Um caso de perversão pura é muito difícil...

**Resposta:** Até porque praticamente não existe, pois alguém que tem só perversão está impossibilitado de viver, transforma toda a sua vida em uma forma de ordenamento da perversão.

**Pergunta:** Sempre vai haver uma perversão que está mais ligada à neurose ou mais ligada à perversão.

**Resposta:** Estou de acordo. Tenho um caso de um menino que tem uma estrutura mista, que foi estuprado por um primo. É interessante ver as diferentes correntes da vida psíquica. As psicopedagogas questionam como isso influencia na vida escolar, pois ele consulta por problemas escolares, como todos os casos de déficit de atenção e hiperatividade. Então, aparece o abuso, aparecem as correntes da vida psíquica. Dá para falar muito sobre isso, mas me parece interessante porque põe em jogo, no mínimo, dois

ou três exemplos; em primeiro lugar, sobre a coexistência de diferentes correntes da vida psíquica; em segundo lugar, sobre a discussão existente entre teoria simbólica ou teoria indiciária na construção dos elementos que não são linguageiros. Tenho vários casos que poderíamos discutir para ver de que maneira isso figura como eixo para propor precisamente a relação entre subjetividade e os elementos pára-subjetivos do psiquismo.

**Pergunta:** (não se escuta)

**Resposta:** Totalmente. Quero lhes dizer uma coisa que me impressiona. Se relermos o caso do menino Galo, de Ferenczi, que Freud retomou em *Totem e Tabu...* Gostaria que lessem para trabalharmos em outro momento. É muito interessante, pois, além de ser um menino que evidentemente viu a cena primária e viu coisas terríveis, Freud e Ferenczi dizem: “E tinha curiosidade por saber o que faziam os homens e as mulheres”. Curiosidade... ele não entendia por que lhes mostravam tudo isso. Como dizia Laplanche, o enigma estava na mensagem do outro.

Já trabalhei isso para ver a questão do indiciário e volto a trabalhar agora em relação ao enigma. Porque o que aparece aí é igual em Erna. É evidente que Erna representa a cena primária. Em Hans, ninguém entende de onde saiu o famoso coice do cavalo se não pensarem que o menino viu os pais tendo relações sexuais (as patas que se movem dessa maneira louca).

É muito impressionante como, quando pensamos a concepção da fantasia e retomamos o manuscrito M, temos a ideia de que as fantasias são restos do visto e do ouvido, que existe “indigestão psíquica” nas crianças e que a indigestão ocorre por excesso de elementos. Não é um problema de que, por projeção, existam os elementos beta, e então a mãe metaboliza. O adulto intoxicou a criança com uma sexualidade imetabolizável, sem a possibilidade de transformar os elementos beta em elementos alfa,

pois não existe código simbólico com o qual ordená-los nem tramitação da excitação. A análise se converte, então, em um lugar de tramitação. A complexidade subjacente é falar disso sem produzir novas excitações e sem falar da sexualidade do outro.

Trago um exemplo. Trata-se de uma menina que supervisionei na Espanha. A consulta ocorreu quando ela tinha cinco anos. Quando tinha um ano e meio, ficou com uma avó depressiva porque seus pais foram viajar. Isso é muito interessante, porque os pais, pela impossibilidade de perceber certas questões, deixaram-na com essa avó depressiva. Eu insisto muito na diferença entre o simples acaso e o acaso ocasionado pelo adulto que não está conectado. Deixaram-na com essa avó depressiva, passou um tempo, e trouxeram-na para a consulta porque se tratava de uma menina com muitas angústias e, além disso, tinha uma cara rara, como de adulta. Existe aí um elemento muito importante. A analista me conta, na supervisão, que a mãe dessa menina lhe perguntou, em uma entrevista, se ela pensava que não havia problema que a menina entrasse no banheiro enquanto o pai estava no banho. O pai disse que, para ele, não havia problema. A mãe disse que sim, mas que não sabe por que ela entra e faz cocô enquanto o pai está tomando banho. Eu digo à analista que isso é impressionante porque, em primeiro lugar, o pai não tem nojo, o que indica uma falha no recalçamento originário. Uma criança de cinco anos fazendo cocô em um lugar onde esteja um adulto, o adulto já sente rechaço e tolera isso por força maior, mas não é algo prazeroso. Então, ela se senta, defeca, eles conversam e se sentem muito bem.

Quando aponto para a analista a importância da cena, minha preocupação diz respeito primeiro à ausência de nojo no pai, à falha no recalçamento e à erotização do anal em relação à cena edípica. Aqui não existe regressão, mas sim fixação do anal no edípico. O anal fica significado pelo genital. Não é que o genital regrediu ao anal. Diz-se que regride ou não regride

porque se pensa nos estágios de *Três Ensaíos*, mas, na medida que há duas sexualidades, a sexualidade da criança e a sexualidade do adulto, que se produzem simultaneamente, o momento da evolução libidinal da criança entra em conjunção com a sexualidade do adulto. A questão é que a analista se impressiona e me conta que, há pouco, essa menina levou à sessão um pedaço de papel higiênico. Digo-lhe que isso é impressionante. Quero salientar o seguinte: numa teoria simbólica ao estilo antigo, o papel higiênico no consultório seria interpretado sob uma forma tradutiva direta. Por exemplo: “Você traz o papel higiênico porque vem cagar em mim” seria assim a forma mais comum. “Você traz o papel higiênico porque sente que esse é o lugar onde aprende a conter”. São formas clássicas de interpretar a presença do papel higiênico na sessão. Na medida em que o papel higiênico é um fragmento indiciário desprendido de uma cena edípica, esse papel higiênico não é um símbolo, mas sim um indício. Esse indício tem a forma de algo que deve ser religado de maneira abduativa entre aquilo que ocorre na cena exterior e o momento em que a transferência o ativa. Isso modifica todo o modelo de interpretação da situação.

A analista se questiona: o que está ocorrendo na transferência para que seja desse modo? Logo, ela se pergunta por que apareceu o papel e não outro elemento nessa cena. Vocês se dão conta de que estamos trabalhando com um fragmento que passa de uma cena à outra, como os elementos que não ficam transcritos no inconsciente passam de um lugar para outro? Então, essa cena é uma cena em que ficaram acopladas genitalidade edípica e excitação anal. Que destinos pode ter isso na sexualidade da menina? Hoje não sabemos, felizmente ela está em análise. Todavia, isso poderia perfeitamente produzir um translocamento da zona que antigamente se teria como fixação. Podemos começar a pensar, então, na fixação como efeito de uma ligação entre a sexualidade traumática implantada pelo outro, e o modo como ela o articula. Certamente, é ela que vai ao banheiro buscar o pai, não é o pai que se oferece nu. O pai não se recusa e, por

isso, se produz esse movimento. Interessa-me ir pensando esses modos de intervenção que modificam totalmente a questão da análise de crianças. É a partir disso que coloco que se estabelece um modo de simbolização, que é uma neo-simbolização. Não só rearticulação da relação entre analidade e genitalidade, mas também ligação de um fragmento erótico da vida infantil em uma constelação simbólica que fará parte, posteriormente, de algo recapturado na transferência. Então, tudo isso vai construindo um modelo diferente de trabalho. E isso é traumático. O que ocorre é que, há anos, temos a tendência a trabalhar sob a forma da simbólica, a interpretar o papel higiênico de acordo com o que nós pensamos da analidade, e não de acordo com o lugar que tinha a experiência do sujeito. Ficam muitas coisas para trabalhar.

Uma outra questão que, acredito, deve ser abordada em uma instituição concerne aos diferentes modos de trabalho. Deve haver lugares de intercâmbio, de investigação, de investigação séria com projetos, com modelos. As instituições que só têm a forma de ensino tendem a se empobrecer. De qualquer forma, o ensinar é sempre investigação – eu, ao menos, penso assim – ou transmissão, como se diz – não o ensino, mas a transmissão.

Contudo, existem mudanças nas crianças do 2000. Outras coisas não mudaram. Existe uma mudança muito importante que diz respeito ao nível de estimulação de que as crianças estão padecendo, como efeito da informação. A maioria das crianças são precipitadas muito precocemente na genitalidade a partir da televisão, por exemplo. Existe uma dose de informação muito maior. E há, também, outras mudanças.

**Pergunta:** A partir disso que tu estás falando, além da questão do traumatismo, de que forma tu entendes que isso interfere na evolução da sexualidade?

**Resposta:** Há um incremento da genitalização precoce. No “ficar”, passar de um para outro, não chegando a transar. Eu acho que isso deve ser mais pensado, acho que está relacionado com várias coisas. Por um lado, creio que há uma troca nas pautas de intercâmbio sexual entre os meninos e as meninas. A iniciativa é das meninas e os meninos estão apavorados. Isso é algo que não ocorria há alguns anos. Estão apavorados porque sempre dão prova de virilidade, enquanto as mulheres não precisam dar prova de nada. Creio que isso produziu uma situação muito complexa. A dessexualização da mulher foi algo que permitiu diminuir o temor masculino, mas, nos adolescentes, neste momento, existe muita angústia em relação à exigência sexual das meninas. Isso está pesando muito, mas essas são mudanças que, eu diria, vão e vêm. Não são mudanças substanciais, são mudanças em relação a trinta anos, mas não são mudanças de duzentos anos. Estudando certos fatos da Idade Média, vemos que a sexualidade feminina ocupou um lugar importantíssimo. Por isso, toda a “picaresca” marca como as mulheres seduziam os homens antigamente. E isso foi mudando ao longo do tempo.

Há outras coisas que julgo muito importantes. Por exemplo, existe um enorme incremento da angústia, no menino, de ser sodomizado por outro menino. Há, neste momento, na sintomatologia infantil, mais angústia dos meninos em serem penetrados do que angústia de castração. Os meninos têm muito mais medo de serem penetrados do que angústia de perder o pênis. Entretanto, não se pode globalizar as patologias. Estão acontecendo diferentes coisas em diferentes setores. Nós vimos, no interior, histeria charcotiana. Eu tenho supervisionado, com vocês, patologias histéricas sintomáticas que persistem, nas quais há uma confluência entre sexualidade familiar e religiosidade que produz essa forma de histeria. É típico, penso, que a histeria seja efeito de uma combinatória muito particular entre excessos familiares e moral religiosa.

Eu me enoja muito quando os colegas falam de mudança de patologia e

põem no centro o vazio. Eu não sei se isso acontece no primeiro mundo. Na América Latina, tememos, hoje, que a panela esteja vazia, não tememos o vazio interior. Não se pode conceber que a patologia dos executivos do primeiro mundo é uma mudança da patologia global do planeta. Não é assim em toda América Latina, não é assim em partes da África. Creio que há diferenças problemáticas que se estão propondo. É certo que, nas grandes urbes, certas patologias tendem a desaparecer totalmente: as patologias históricas com conversões. O que as substituem são as anorexias e as bulimias, são os modos atuais de sintomatologia histórica.

O que não muda – e volto ao que a psicanálise tem de pensar – é a motivação libidinal da psicopatologia. Creio que o que estamos discutindo neste momento é isso, a motivação segue sendo libidinal. Por isso me incomoda muito a subordinação das problemáticas da Psicanálise às formas dominantes de mercado com as quais se estabelecem novas calcificações. Sabem que eu me recuso a falar de transtornos alimentares. É como se Freud tivesse falado de transtorno da marcha. Não, uma coisa é falar de bulimia, de anorexia, de transtornos dos modos de relação com o narcisismo e oralidade, ou o que queiram. Mas não me digam que os transtornos alimentares são uma degradação da sintomatologia da função biológica. Isso é muito sério para a psicanálise. O mundo tem o direito de dizer o que quer. O problema é se nós vamos substituir, sem perguntar-nos a que modelo respondem. As categorias estão definidas por uma forma de organização do mundo, por uma forma recorte do mundo. Então, o que são transtornos alimentares? Por exemplo, as psicoses com angústia de envenenamento são transtornos alimentares? Não!

As anoréxicas graves, psicóticas, que não podem incorporar nada, têm um transtorno alimentar? E as históricas, com patologias nas quais o narcisismo e a necessidade de acomodar a imagem a um certo esquema que entra em

contradição com desejos sexuais e orais, têm um transtorno alimentar? Parece-me que devemos ser um pouco mais críticos.

Uma instituição lacaniana em Buenos Aires dava um curso sobre bulimia e anorexia. Lacan morreria outra vez. Os kleinianos falando dessas coisas faz com que desapareça a oralidade. Então, substituições, quando feitas, devem ser definidas por um pensamento conceitual que permita saber onde estamos situados. O restante é oportunismo, oportunismo do pior. Além disso, tudo muda tão rápido.

Vocês sabem que, nos Estados Unidos, fecharam de quinhentos a mil *shoppings*? Estão se acabando, porque as pessoas compram pela Internet. Porque as pessoas compram por catálogo e porque as pessoas voltam para as ruas. Há dez anos, pensamos que se acabariam todos os cinemas. Apareceram os vídeos e os cinemas acabaram fechando. E depois foram abertos multicines. Falaram no isolamento e no individualismo das pessoas que não querem se juntar, e estão todas juntas no cinema novamente.

Não digamos mais bobagens! Tomemos os fenômenos e pensemos bem o que nos diz respeito. Seitas que podem estabelecer seus acordos pela Internet, para ficarem juntas, também seria algo impensável antes. Por quê? Antes, com quem falava o louco na esquina? Com o dono do quiosque da quadra. E agora um louco propõe um delírio pela Internet e todos os loucos que não têm um delírio organizado se prendem nele e se matam juntos. Porém, isso não é um problema da Internet, mas sim dos modos de funcionamento da loucura. Não se pode pôr a culpa na Internet, embora ela propicie um tipo de vínculo entre psicóticos que permite isto. Não podemos repetir coisas do princípio do século.

Bom, seguimos amanhã. Muito obrigada.

Porto Alegre, outubro de 1999

Revisão gramatical de **Bruno Konkewicz**

Revisão técnica de **Kenia Maria Ballvé Behr**

© Constructo Revista de Psicanálise